

ERIC J. HOBSBAWM

A ERA DAS REVOLUÇÕES Europa 1789-1848

Tradução de
Maria Tereza Lopes Teixeira
Marcos Penchel

9ª edição

10.ª Reimpressão


PAZ E TERRA

F. D. S. L. C.
BIBLIOTECA
Aquisição: C
02/09/96

na melhor das hipóteses, uma herança racial ou histórica que deveria invalidá-los eternamente, como se já tivessem feito uso, para sempre, de suas oportunidades. O período que culminou por volta da metade do século foi, portanto, uma época de insensibilidade sem igual, não só porque a pobreza que rodeava a respeitabilidade da classe média era tão chocante que o homem rico preferia não vê-la, deixando que seus horrores provocassem impacto apenas sobre os visitantes estrangeiros (como é o caso hoje em dia das favelas da Índia), mas também porque os pobres, como os bárbaros do exterior, eram tratados como se não fossem seres humanos. Se seu destino era o de se tornarem trabalhadores industriais, eles eram simplesmente massa que deveria ser modelada pela disciplina através da pura coerção, sendo a draconiana disciplina fabril suplementada com a ajuda do Estado. (É bastante característico que a opinião da classe média contemporânea não percebesse qualquer incompatibilidade entre o princípio de igualdade perante a lei e os códigos trabalhistas deliberadamente discriminatórios que, como no caso do Código Britânico de Patrões e Empregados, de 1823, puniam os trabalhadores com a prisão por quebra de contrato e os empregadores com modestas multas, se tanto.)²¹ Eles deveriam estar constantemente à beira da indignação, porque, caso contrário, não trabalhariam, sendo inacessíveis às motivações "humanas". "É no próprio interesse do trabalhador", disseram os empregadores a Villermé no final da década de 1830, "que ele deve estar sempre fustigado pela necessidade, pois assim ele não dará a seus filhos um mau exemplo, e sua pobreza será uma garantia de sua boa conduta".²² Contudo, havia pobres em demasia para seu próprio bem, mas era de se esperar que os efeitos da lei de Malthus matussem de fome um número suficiente deles para que se estabelecesse um máximo viável, a menos que, naturalmente *per absurdum*, os pobres estabelecessem seus próprios limites racionais no crescimento da população, restando uma complacência excessiva na procriação.

Era pequeno o passo a ser dado desta atitude para o reconhecimento formal da desigualdade que, como afirmou Henri Baudrillard em sua conferência inaugural no Collège de France em 1835, era um dos três pilares da sociedade humana, sendo que os outros dois eram a propriedade e a herança.²³ A sociedade hierárquica era, assim, reconstruída sobre os princípios da igualdade formal. Mas havia perdido o que a fazia tolerável no passado, a convicção social geral de que os homens tinham deveres e direitos, de que a virtude não era simplesmente equivalente ao dinheiro, e de que as classes mais baixas, embora baixas, tinham direito a suas modestas vidas na condição social a que Deus os havia chamado.

Décimo-Primeiro Capítulo

OS TRABALHADORES POBRES

Todo fabricante vive em sua fábrica como os plantadores coloniais no meio de seus escravos, um contra uma centena, e a subversão de Lyon é uma espécie de insurreição de São Domingos. ... Os bárbaros que ameaçam a sociedade não estão nem no Cáucaso nem nas estepes tártaras; estão nos subúrbios de nossas cidades industriais. ... A classe média deve reconhecer claramente a natureza da situação e saber onde está pisando. Saint-Marc Girardin, in *Journal des Débats*, 8 de dezembro de 1931.

*Pour gouverner il faut avoir
Manteaux ou rubans en sautoir (bis)
Nous en tissons pour vous, grands de la terre,
Et nous, pauvres canuts, sans drap on nous enterre.
C'est nous les canuts
Nous sommes tout nus. (bis)
Mais notre règne arrivera
Quand votre règne finira.
Alors nous tisserons le linceul du vieux monde
Car on entend déjà la revolte qui gronde.
C'est nous les canuts
Nous n'irons plus nus. **
Canção dos tecelões de Lyon

I

Eram três as possibilidades abertas aos pobres que se encontravam à margem da sociedade burguesa e não mais efetivamente protegidos nas regiões ainda inacessíveis da sociedade tradicional. Eles podiam lutar para se tornarem burgueses, poderiam permitir que fossem oprimidos ou então poderiam se rebelar.

* Em francês no original: "Para governar é preciso ter/Mantos ou condecorações em brasões/Nós tecemos para vós, grandes da terra,/E nós, pobres operários, sem lençol onde nos enterrar./Somos nós os operários/Nós estamos nus./Porém, quando chegar o nosso reino/Quando o vosso reino terminar./Então nós teceremos a mortalha do velho mundo/Porque já se percebe a revolta que troa./Somos nós os operários/Não estaremos mais nus." (N.T.)

A primeira possibilidade, como já vimos, não só era tecnicamente difícil para quem carecia de um mínimo de bens ou de instrução, como era também profundamente desagradável. A introdução de um sistema individualista puramente utilitário de comportamento social, a selvagem anarquia da sociedade burguesa, teoricamente justificada por seu lema "cada um por si e Deus por todos"*, parecia aos homens criados nas sociedades tradicionais pouco melhor do que a maldade desenfreada. "Em nossa época", disse um dos desesperados tecelões da Silésia que se revoltaram em vão contra o próprio destino em 1844, "os homens inventaram excelentes maneiras de enfraquecer e minar suas próprias existências. Mas, meu Deus, ninguém mais pensa no Sétimo Mandamento, que determina e proíbe o seguinte: Não roubarás. Nem têm em mente as palavras de Lutero, quando ele diz: Amaremos e temeremos o Senhor, assim como não roubaremos a propriedade de nosso vizinho nem o seu dinheiro, nem os obteremos por meios falsos e sim, pelo contrário, devemos ajudá-lo a conservar e melhorar sua existência e sua propriedade." Este homem falava por todos aqueles que se viam arrastados para um abismo pelos que representavam as forças do inferno. Eles não pediam muito. ("Os ricos costumavam tratar os pobres com benevolência, e os pobres viviam de maneira simples, pois naquela época as classes mais baixas necessitavam de muito menos para comprar roupas e fazer outras despesas do que hoje em dia.") Mas até mesmo este modesto lugar na ordem social estava agora, ao que parecia, para lhes ser tomado.

Dai, sua resistência até mesmo às propostas mais racionais da sociedade burguesa, que estavam de braços dados com a desumanidade. Os nobres rurais apresentaram o sistema Speenhamland, ao qual os trabalhadores se agarraram, embora os argumentos econômicos contra ele fossem contundentes. Como meio de minorar a pobreza, a caridade cristã era tão má como inútil, como se podia ver nos Estados papais, que a tinham em grande abundância. Mas era popular não só entre os ricos tradicionalistas, que a fomentavam como salvaguarda contra o perigo dos direitos iguais (propostos por "aqueles sonhadores que sustentam que a natureza criou os homens com direitos iguais e que as distinções sociais devem ser fundamentadas puramente na utilidade comum")³, mas também entre os pobres tradicionalistas, que estavam profundamente convencidos de que tinham um *direito* às migalhas que caíam da mesa dos ricos. Na Grã-Bretanha, um abismo dividia os expoentes das sociedades amistosas da classe média, que viam nelas uma forma de auto-ajuda individual, e os pobres, que as tratavam também e primordialmente como *sociedades*, com reuniões sociais, cerimônias, rituais e festividades, em detrimento de sua integridade militante.

Esta resistência foi reforçada pela oposição até mesmo de burgueses a alguns aspectos da pura e livre competição individual que não os

beneficiavam. Ninguém era mais devoto do individualismo do que o bronco fazendeiro ou fabricante americano, e nenhuma Constituição mais oposta do que a deles – ou assim acreditavam seus advogados até o século XX – a tais interferências na liberdade, como a legislação federal sobre o trabalhador menor de idade. Mas ninguém estava mais firmemente empenhado, como já vimos, na proteção "artificial" de seus negócios. Um dos principais benefícios que eram esperados da empresa privada e da livre iniciativa era a nova maquinaria. Mas não apenas operários "destruidores de máquinas" se ergueram contra ela: os negociantes e fazendeiros de menor porte simpatizavam com eles porque também consideravam os inovadores como destruidores da existência dos homens. De fato, às vezes, os fazendeiros deixavam suas máquinas ao alcance dos revoltosos para que fossem destruídas, e o governo foi obrigado a enviar uma circular redigida com palavras ásperas, em 1830, para enfatizar que "as máquinas têm tanto direito à proteção da lei quanto quaisquer outros itens patrimoniais".⁴ A própria hesitação e a dúvida com que, fora das fortalezas da confiança liberal-burguesa, o novo empresário desempenhava sua histórica tarefa de destruir a ordem moral e social fortaleciam a convicção do homem pobre.

Logicamente, havia trabalhadores que davam o melhor de si para se unir às classes médias, ou ao menos para seguir os preceitos de poupança, de auto-ajuda e automelhoria. A literatura moral e didática da classe média radical, os movimentos de moderação e o esforço protestante estão cheios deste tipo de homem cujo Homero era Samuel Smiles. De fato, estas associações atraíam e talvez encorajavam o jovem ambicioso. O Seminário Royton de Moderação, fundado em 1843 (limitado a meninos – a maioria deles trabalhadores de algodão – que tinham feito voto de abstinência, se recusavam a participar de jogos a dinheiro e viviam com uma estrita moralidade), havia criado em 20 anos de existência cinco mestres tecedores de algodão, um sacerdote, dois gerentes de fábricas de algodão na Rússia "e muitos outros tinham alcançado posições de respeito, como gerentes, inspetores, mecânicos, mestre de escola diplomados, ou tinham-se tornado respeitáveis donos de lojas".⁵ Claramente, estes fenômenos eram menos comuns fora do mundo anglo-saxônico, onde o caminho para fora da classe trabalhadora (a não ser através da emigração) era muito mais estreito – nem mesmo na Grã-Bretanha se podia dizer que fosse amplo – e a influência moral e intelectual da classe média radical sobre o trabalhador qualificado era menor.

Por outro lado, havia muito mais pobres que, diante da catástrofe social que não conseguiam compreender, empobrecidos, explorados, jogados em cortiços onde se misturavam o frio e a imundície, ou nos extensos complexos de aldeias industriais de pequena escala, mergulhavam na total desmoralização. Destituídos das tradicionais instituições e padrões de comportamento, como poderiam muitos deles deixar de cair no abismo dos recursos de sobrevivência, em que as famílias penhoravam a cada semana seus cobertores até o dia do pagamento, e

* No original: "every man for himself and the devil take the hindmost". (N.T.)

em que o álcool era "a maneira mais rápida para se sair de Manchester" (ou de Lille ou de Borinage). O alcoolismo em massa, companheiro quase invariável de uma industrialização e de uma urbanização bruscas e incontroláveis, disseminou "uma peste de embriaguez" em toda a Europa. Talvez os inúmeros contemporâneos que deploravam o crescimento da embriaguez, como o da prostituição e de outras formas de promiscuidade sexual, estivessem exagerando. Contudo, a repentina aparição, até 1840, de sistemáticas campanhas de agitação em prol da moderação, entre as classes médias e trabalhadoras, na Inglaterra, Irlanda e Alemanha, mostra que a preocupação com a desmoralização não era nem acadêmica nem tampouco limitada a uma única classe. Seu sucesso imediato teve pouca duração, mas durante o restante do século a hostilidade à embriaguez permaneceu como algo que tanto patrões quanto movimentos trabalhistas tinham em comum.*

Mas naturalmente os contemporâneos que deploravam a desmoralização dos novos pobres industrializados e urbanos não estavam exagerando. Tudo concorria para aumentar esta desmoralização. As cidades e as áreas industriais cresciam rapidamente, sem planejamento ou supervisão, e os serviços mais elementares da vida da cidade fracassavam na tentativa de manter o mesmo passo: a limpeza das ruas, o fornecimento de água, os serviços sanitários, para não mencionarmos as condições habitacionais da classe trabalhadora.* A consequência mais patente desta deterioração urbana foi o reaparecimento das grandes epidemias de doenças contagiosas (principalmente transmitidas pela água), notadamente a cólera, que reconquistou a Europa a partir de 1831 e varreu o continente de Marselha a São Petersburgo em 1832 e novamente mais tarde. Para darmos um só exemplo: em Glasgow, o tifo "não chamou a atenção até 1818".⁷ Daí em diante, ele cresceu. Houve duas grandes epidemias (o tifo e a cólera) na cidade na década de 1830, três (o tifo, a cólera e a febre recorrente) na década de 1840, duas na primeira metade da década de 1850, até que o aperfeiçoamento urbano acabou com uma geração de desleixo. Os terríveis efeitos deste descuido foram tremendos, mas as classes média e alta não o sentiram. Em nosso período, o desenvolvimento urbano foi um gigantesco processo de segregação de classes, que empurrava os novos trabalhadores pobres para as grandes concentrações de miséria alijadas dos centros de governo e dos negócios, e das novas áreas residenciais da burguesia. A divisão das grandes cidades européias, de caráter quase universal, em zonas ricas localizadas a oeste e zonas pobres localizadas a leste se desenvolveu neste período.** E que instituições sociais, exce-

* Esta hostilidade não era verdadeira em relação à cerveja, ao vinho ou outras bebidas que faziam parte da costumeira dieta cotidiana dos homens. Esta hostilidade se restringia, em grande parte, às seitas protestantes anglo-saxônicas.

** "As circunstâncias que obrigam os trabalhadores a saírem do centro de Paris têm tido, geralmente, como já se observou, efeitos deploráveis sobre seu comportamento e sua moral. No passado, eles costumavam habitar os andares mais altos dos edifícios cujos andares mais baixos eram habitados por comerciantes e outros membros das classes

to a taverna e talvez a capela, foram criadas nestas novas aglomerações de trabalhadores, a não ser pela própria iniciativa dos trabalhadores? Só depois de 1848, quando as novas epidemias nascidas nos cortiços começaram a matar também os ricos, e as massas desesperadas que aí cresciam tinham assustado os poderosos com a revolução social, foram tomadas providências para um aperfeiçoamento e uma reconstrução urbana sistemática.

A bebida não era o único sinal desta desmoralização. O infanticídio, a prostituição, o suicídio e a demência têm sido relacionados com este cataclismo econômico e social, graças em grande parte ao trabalho pioneiro na época daquilo que hoje em dia seria chamado de medicina social.* O mesmo se deu em relação ao aumento da criminalidade e da violência crescente e freqüentemente despropositada que era uma espécie de ação pessoal cega contra as forças que ameaçavam engolir os elementos passivos. A difusão de seitas e cultos de caráter místico e apocalítico durante este período (cf. capítulo 12) indica uma incapacidade semelhante em lidar com os terremotos da sociedade que destroçavam vidas humanas. As epidemias de cólera, por exemplo, provocaram renascimentos religiosos na católica cidade de Marselha, bem como no País de Gales, de maioria protestante.

Todas estas formas de distorções do comportamento social tinham algo comum entre si, e incidentalmente com a "auto-ajuda". Eram tentativas de escapar do destino de ser um trabalhador pobre ou, na melhor das hipóteses, de aceitar ou de esquecer a pobreza e a humilhação. Os que acreditavam na ressurreição, os bêbados, os criminosos, os lunáticos, os vagabundos ou os pequenos negociantes ambiciosos desviavam os olhos das condições da coletividade e (com a exceção dos últimos) se sentiam apáticos em relação à possibilidade de uma ação coletiva. Na história de nosso período, esta apatia da massa desempenha um papel muito mais importante do que se supõe. Não é um mero acidente o fato de que os menos qualificados, os menos instruídos, os menos organizados e, portanto, os menos esperançosos dentre os pobres, naquela época como mais tarde, fossem os mais apáticos: nas eleições de 1848 na cidade prussiana de Halle, 81% dos artesãos independentes e 71% dos pedreiros, carpinteiros e outros traba-

relativamente confortáveis. Estabelecia-se então uma espécie de solidariedade entre os inquilinos de um mesmo prédio. Os vizinhos se ajudavam nas mínimas coisas. Quando doentes ou desempregados, os trabalhadores podiam encontrar muito apoio dentro do prédio, enquanto que, por outro lado, uma espécie de sentimento de respeito humano imbuía os hábitos da classe trabalhadora com uma certa regularidade." Esta citação foi retirada de um relatório da Câmara de Comércio e da Chefatura de Polícia, mas a novidade da segregação está muito bem apresentada.¹

* A extensa lista de médicos a quem devemos tantos de nossos conhecimentos daquela época - e do seu subsequente aperfeiçoamento - contrasta vivamente com a indiferença e a crueldade da opinião burguesa. Villermé e os colaboradores dos *Anais de Higiene Pública*, que ele fundou em 1829, Kay, Thackrah, Simon, Gaskell e Farr, na Grã-Bretanha, e vários na Alemanha, merecem ser mais lembrados do que de fato o são hoje em dia.

lhadores qualificados de construção votaram, mas somente 46% dos trabalhadores das fábricas e ferrovias, dos lavradores, dos serviços domésticos etc. o fizeram.⁹

II

A alternativa da fuga ou da derrota era a rebelião. A situação dos trabalhadores pobres, e especialmente do proletariado industrial que formava seu núcleo, era tal que a rebelião era não somente possível mas virtualmente compulsória. Nada foi mais inevitável na primeira metade do século XIX do que o aparecimento dos movimentos trabalhista e socialista, assim como a intranquilidade revolucionária das massas. A revolução de 1848 foi sua consequência direta.

Entre 1815 e 1848, nenhum observador consciente podia negar que a situação dos trabalhadores pobres era assustadora. E já em 1840 esses observadores eram muitos e advertiam que tal situação piorava cada vez mais. Na Grã-Bretanha, a teoria populacional de Malthus, que sustentava que o crescimento da população superaria inevitavelmente o crescimento dos meios de subsistência, baseava-se nesta observação e era reforçada pelos argumentos dos economistas ricardianos. Os que tinham um ponto de vista mais auspicioso a respeito das perspectivas da classe trabalhadora eram menos numerosos e tinham menos talento do que os que tinham uma visão pessimista. Na década de 1830, na Alemanha, a crescente pauperização do povo foi o tema específico de pelo menos 14 publicações diferentes, e o debate relativo a se "as reclamações sobre o crescente empobrecimento e a escassez de alimentos" eram justificadas serviu de base para um concurso de ensaios acadêmicos, sendo que o melhor deles receberia um prêmio. (Dez dos dezesseis competidores pensavam que tais reclamações eram justas, e somente dois deles achavam que não.)¹⁰ A predominância destas opiniões é, em si mesma, uma prova da miséria universal e aparentemente sem esperanças dos pobres.

Sem dúvida, a verdadeira pobreza era pior no campo, e especialmente entre os trabalhadores assalariados que não possuíam propriedades, os trabalhadores rurais domésticos, e, é claro, entre os camponeses pobres ou entre os que viviam da terra infértil. Uma má colheita, como as de 1789, 1795, 1817, 1832 e 1847, ainda trazia a verdadeira fome, até mesmo sem a intervenção de outras catástrofes adicionais como a competição das mercadorias britânicas de algodão, que destruiu a base da indústria silesiana de fibras de linho. Depois da arruinada safra de 1813 na Lombardia, muitas pessoas se mantiveram vivas somente graças à alimentação baseada em adubo e feno, pão-feito de folhas de feijão e de frutas silvestres.¹¹ Um mau ano como o de 1817, mesmo na tranqüila Suíça, pôde produzir um excesso real de mortes sobre os nascimentos.¹² A fome européia de 1846-8 se torna pálida

diante do cataclismo da fome irlandesa (cf. capítulo 8-V), mas nem por isso foi menos real. Na Prússia Oriental e Ocidental, em 1847, um-terço da população deixara de comer pão, e se alimentava somente de batatas.¹³ Nas austeras, respeitáveis e empobrecidas aldeias manufatureiras das montanhas da Alemanha Central, onde homens e mulheres se sentavam em compridos troncos, possuíam poucas roupas de cama, e usavam canecas de barro ou de latão por falta de vidro, a população tinha-se tornado tão acostumada à dieta de batatas e de café ralo que durante os tempos de fome os componentes dos serviços de socorro tinham que ensinar-lhes a comer feijão e mingau.¹⁴ A fome e o tifo devastavam os campos de Flanders e da Silésia, onde os tecelões de linho da aldeia travavam uma batalha desesperada contra a moderna indústria.

Mas, de fato, a miséria – a miséria crescente, como pensavam muitos – que chamava tanto a atenção, tão próxima da catástrofe total como a miséria irlandesa, era a das cidades e zonas industriais onde os pobres morriam de fome de uma maneira menos passiva e menos oculta. Se suas verdadeiras rendas estavam caindo é ainda um assunto de debate histórico, embora, como já vimos, não possa haver dúvida de que a situação geral dos pobres nas cidades se deteriorava. As variações entre uma e outra região, entre os diversos tipos de trabalhadores e entre os diferentes períodos econômicos, bem como a deficiência das estatísticas, tornam difícil que as questões sejam respondidas de uma maneira decisiva, embora qualquer significativa melhora geral possa ser excluída antes de 1848 (ou talvez antes de 1844, na Grã-Bretanha) e o hiato entre os ricos e os pobres certamente estivesse crescendo de uma maneira bastante clara. A época em que a Baronesa de Rothschild usou um milhão e meio de francos em jóias no baile de máscaras do Duque de Orleans, em 1842, era a mesma em que John Bright assim descreveu as mulheres de Rochdale: "2 mil mulheres e moças passaram pelas ruas cantando hinos – um espetáculo surpreendente e singular – chegando às raias do sublime. Assustadoramente famintas, devoravam uma bisnaga de pão com indescritível sofreguidão, e se o pedaço de pão estivesse totalmente coberto de lama seria igualmente devorado com avidez".¹⁵

De fato, é provável que houvesse alguma deterioração generalizada em grandes partes da Europa, pois não só as instituições urbanas, como já vimos, e os serviços sociais não conseguiam acompanhar o ritmo da impetuosa e inesperada expansão, como também os salários começaram a diminuir a partir de 1815, e a produção e o transporte de alimentos provavelmente decresceu em muitas das grandes cidades até a era da estrada de ferro.¹⁶ Os malthusianos baseavam seu pessimismo em agravamentos desta ordem. Mas fora as circunstâncias agravantes, a simples mudança da dieta alimentar tradicional do homem pré-industrial pela mais austera do industrial e urbanizado era capaz de levar a uma alimentação pior, na mesma medida em que o trabalho e a vida urbana eram capazes de levar a condições de saúde também pio-

res. A extraordinária diferença na aptidão física e saúde entre a população agrícola e industrial (e, claro está, entre as classes alta, média e trabalhadora), na qual os estatísticos franceses e ingleses fixaram sua atenção, se devia claramente a este fato. A expectativa média de vida, na década de 1840, era duas vezes maior entre os trabalhadores rurais de Wiltshire e Rutland do que entre os trabalhadores de Manchester ou de Liverpool. Mas – para citarmos somente um exemplo – “até que o vapor fosse introduzido no trabalho, já no final do último século, a doença dos pulmões causada pelas partículas de aço e pó em suspensão no ar era conhecida apenas nas cutelarias de Sheffield”. Já em 1841, 50% de todos os polidores de metais com a idade de 30 anos, 79% de todos eles com a idade de 40 anos, e 100% deles com mais de 50 anos tiveram seus pulmões dilacerados por esta doença.¹⁷

Além do mais, a troca na economia transferiu e deslocou grandes núcleos de trabalhadores, às vezes para seu próprio benefício, mas quase sempre para sua desgraça. Grandes massas da população continuavam até então sem ser absorvidas pelas novas indústrias e cidades, como um substrato permanente de pobreza e desespero, e também as grandes massas eram periodicamente atiradas ao desemprego pelas crises que, até então, mal eram reconhecidas como temporárias e repetitivas. Dois-terços dos trabalhadores na indústria têxtil de Bolton (1842) e de Roubaix (1847) seriam despedidos de seus empregos devido a estes colapsos.¹⁸ Vinte por cento dos de Nottingham e um-terço dos de Paisley seriam também despedidos.¹⁹ Um movimento como o cartismo na Grã-Bretanha fracassaria repetidas vezes sob sua fraqueza política. Em diversas ocasiões, a fome pura e simples – o intolerável fardo que pesava sobre milhões de trabalhadores pobres – o faria renascer.

Em acréscimo a estas tempestades generalizadas, catástrofes específicas explodiam sobre as cabeças dos diversos tipos de trabalhadores pobres. A fase inicial da revolução industrial, como já vimos, não levou todos os trabalhadores para as fábricas mecanizadas. Pelo contrário, em torno dos poucos setores mecanizados da produção em grande escala, ela multiplicou o número de artesãos pré-industriais, de certos tipos de trabalhadores qualificados, e do exército de mão-de-obra doméstica, freqüentemente melhorando suas condições, especialmente durante os longos anos de escassez de mão-de-obra no período das guerras. Nas décadas de 1820 e 1830, o avanço impessoal e poderoso da máquina e do mercado começou a deixá-los de lado. Na melhor das hipóteses, este fato fazia com que homens independentes se transformassem em dependentes, e que pessoas se transformassem em “mãos”. Na pior das hipóteses, e a mais freqüente, criava multidões de desclassificados, empobrecidos e famintos tecelões manuais, tecelões mecânicos e etc., cuja miséria gelava o sangue do economista mais insensível. Não se tratava de uma ralé ignorante e desqualificada. Comunidades semelhantes às dos tecelões de Dunfermline e Norwich, que se desfizeram e se dispersaram na década de 1830, os fabricantes

de móveis de Londres, cujas antiquadas “listas de preços” se tornaram papéis molhados, à medida em que eles se afundavam no pantanal das úmidas oficinas, os artífices do continente que se transformaram em proletários itinerantes, os artesãos que perderam sua independência, haviam sido estes os mais habilitados, os mais instruídos, os mais autoconfiantes, em suma, a flor da classe trabalhadora.* Eles não entendiam o que lhes ocorria e era natural que tratassem de descobri-lo, e mais natural ainda que protestassem.**

Materialmente, é provável que o novo proletariado fabril tivesse condições algo melhores. Por outro lado, não era livre, encontrava-se sob o rígido controle e a disciplina ainda mais rígida imposta pelo patrão ou por seus supervisores, contra quem realmente não tinha quaisquer recursos legais e só alguns rudimentos de proteção pública. Eles tinham que trabalhar por horas ou turnos, aceitar os castigos e multas com as quais os patrões impunham suas ordens ou aumentavam seus lucros. Em áreas isoladas ou nas indústrias, tinham que fazer compras na loja do patrão, freqüentemente recebendo seus pagamentos em *mercadorias miúdas* (permitindo, assim, que os empregadores inescrupulosos aumentassem ainda mais os seus lucros), ou eram obrigados a morar em casas fornecidas pelo patrão. Sem dúvida o jovem da cidade achava que sua vida era tão dependente e depauperada quanto a de seus pais, e nas indústrias do continente europeu com uma forte tradição paternalista, o despotismo do patrão era, ao menos em parte, contrabalançado pela segurança, instrução e serviços de bem-estar social que por vezes o patrão fornecia. Mas para o homem livre, entrar em uma fábrica na qualidade de uma simples “mão” era entrar em algo um pouco melhor que a escravidão, e todos, exceto os mais famintos, tratavam de evitá-lo, e quando não tinham mais remédio, tendiam a resistir contra a disciplina cruel de uma maneira muito mais consistente do que as mulheres e as crianças, a quem os proprietários de fábricas davam, por isso, preferência. Na década de 1830 e em parte na década de 1840, pode-se afirmar que até mesmo a situação material do proletariado fabril apresentou uma tendência a se deteriorar.

Qualquer que fosse a verdadeira situação dos trabalhadores pobres, não pode haver nenhuma dúvida de que todos aqueles que pensavam um pouco sobre a sua situação – i.e., que aceitavam as aflições dos pobres como parte do destino e do eterno rumo das coisas –

* De 195 tecelões adultos de Gloucestershire, em 1840, somente 15 não sabiam ler ou escrever, mas dos rebeldes presos nas zonas industriais de Lancashire, Cheshire e Staffordshire, em 1842, somente 13% sabiam ler e escrever bem, e 32% sabiam fazê-lo com imperfeição.^{17a}

** “Cerca de um terço da população trabalhadora... é formada por tecelões e operários, cujos rendimentos médios não chegam a ser suficientes para criar e sustentar suas famílias sem a ajuda paroquial. É esta fração da comunidade, em sua maioria decente e respeitável, que mais está sofrendo com a depressão dos salários, e a injustiça dos tempos. É a esta classe de meus pobres concidadãos que desejo recomendar o sistema de cooperação.” (F. Baker, Primeira Palestra sobre a Cooperação, Bolton 1830.)

consideravam que o trabalhador era explorado pelo rico, que cada vez mais enriquecia, ao passo que os pobres ficavam ainda mais pobres. E que os pobres sofriam *porque* os ricos se beneficiavam. O mecanismo social da sociedade burguesa era profundamente cruel, injusto e desumano. "Não pode haver riqueza sem trabalho" escreveu o jornal *Lancashire Co-operator*. "O trabalhador é a fonte de toda a riqueza. Quem tem produzido todos os alimentos? O pobre e mal alimentado lavrador. Quem construiu todas as casas e armazéns, e os palácios, que pertencem aos ricos, que jamais trabalham ou produzem qualquer coisa? O trabalhador. Quem tece todos os fios e faz o tecido? As tecedoras e os tecelões." Ainda assim "o operário continua pobre, ao passo que os que não trabalham são ricos e possuem abundância em excesso."¹⁰ E o desesperado trabalhador rural (cujos ecos literários ainda se ouvem hoje em dia nas canções evangélicas dos negros americanos) se expressava com menos clareza, mas talvez de maneira mais profunda:

Se a vida fosse coisa que o dinheiro pudesse obter
Os ricos viveriam e os pobres deveriam morrer.¹¹

III

O movimento operário proporcionou uma resposta ao grito do homem pobre. Ela não deve ser confundida com a mera reação coletiva contra o sofrimento intolerável, que ocorreu em outros momentos da história, nem sequer com a prática da greve e outras formas de militância que se tornaram características da classe trabalhadora. Estes acontecimentos também têm sua própria história que começa muito antes da revolução industrial. O verdadeiramente novo no movimento operário do princípio do século XIX era a consciência de classe e a ambição de classe. Os "pobres" não mais se defrontavam com os "ricos". Uma *classe* específica, a classe operária, trabalhadores ou proletariado, enfrentava a dos patrões ou capitalistas. A Revolução Francesa deu confiança a esta nova classe; a revolução industrial provocou nela uma necessidade de mobilização permanente. Uma existência decente não podia ser obtida simplesmente por meio de um protesto ocasional que servisse para restabelecer a estabilidade da sociedade perturbada temporariamente. Era necessária uma eterna vigilância, organização e atividade do "movimento" – o sindicato, a sociedade cooperativa ou mútua, instituições trabalhistas, jornais, agitação. Mas a própria novidade e a rapidez da mudança social que os envolvia, encorajava os trabalhadores a pensar em termos de uma sociedade totalmente diversa, baseada na sua experiência e em suas idéias em oposição às de seus opressores. Seria cooperativa e não competitiva, coletiva e não individualista. Seria "socialista", e representaria não o eterno sonho da sociedade livre, que os pobres sempre levam no recôndito de suas mentes, mas na qual só pensam em raras ocasiões de revo-

lução social generalizada, e sim uma alternativa praticável e permanente para o sistema em vigor.

Neste sentido, a consciência de classe dos trabalhadores ainda não existia em 1789, ou mesmo durante a Revolução Francesa. Fora da Grã-Bretanha e da França, ela era quase que totalmente inexistente mesmo em 1848. Mas nos dois países que personificam a revolução dupla, ela certamente passou a existir entre 1815 e 1848, mais especificamente por volta de 1830. A própria expressão "classe trabalhadora" (distinta da menos específica "as classes trabalhadoras") aparece nos escritos trabalhistas ingleses logo após a batalha de Waterloo, e talvez até mesmo um pouco antes, e nos escritos trabalhistas franceses a expressão equivalente se torna freqüente depois de 1830.¹² Na Grã-Bretanha, as tentativas para unir todos os operários em "sindicatos gerais", i.e., em entidades que superassem o isolamento local e regional dos grupos particulares de trabalhadores, levando-lhes a uma solidariedade nacional e até universal da classe trabalhadora, começaram em 1818 e foram perseguidas com intensidade febril entre 1829 e 1834. O complemento do "sindicato geral" era a greve geral, formulada como um conceito e uma tática sistemática da classe trabalhadora deste período, notadamente na obra de William Benbow, *O Grande Fardo Nacional e o Congresso das Classes Produtivas* (1832), sendo seriamente discutida como um método político pelos cartistas. Enquanto isso, tanto na Grã-Bretanha quanto na França, a discussão intelectual deu lugar ao conceito e à palavra "socialismo" na década de 1820, imediatamente adotados pelos trabalhadores, em pequena escala na França (como pelos grêmios parisienses de 1832) e em escala bem maior pelos britânicos, que logo teriam Robert Owen como líder de um vasto movimento de massas, para o qual ele estava singularmente despreparado. Em poucas palavras, por volta do início da década de 1830, já existiam a consciência de classe proletária e as aspirações sociais. Quase certamente, eram mais débeis e menos efetivas do que a consciência da classe média que seus patrões adquiriram ou puseram em prática ao mesmo tempo. Mas elas estavam presentes.

A consciência proletária estava poderosamente conjugada e reforçada pelo que pode ser melhor descrito como consciência jacobina, ou seja, o conjunto de aspirações, experiências, métodos e atitudes morais com que a Revolução Francesa (e antes a Americana) tinha imbuído os pobres que pensavam e confiavam em si mesmos. Exatamente como a expressão prática da situação da nova classe trabalhadora era "o movimento trabalhista" e sua ideologia "a comunidade cooperativa", o movimento democrático era a expressão prática do povo comum, proletário ou não, a quem a Revolução Francesa tinha colocado no palco da história como atores e não como simples vítimas. "Os cidadãos de aparência externa pobre e que em outras épocas não teriam ousado se apresentar nestes locais reservados para pessoas elegantes, saíam a passeio junto com os ricos, de cabeça erguida."¹³ Eles queriam respeito, reconhecimento e igualdade. Sabiam que podiam obter

tudo isso, pois já o tinham feito em 1793-4. Nem todos estes cidadãos eram trabalhadores, mas todos os trabalhadores conscientes pertenciam a esta fileira.

As consciências jacobina e proletária se suplementavam. A experiência da classe operária dava aos trabalhadores pobres as maiores instituições para sua autodefesa diária, o sindicato e a sociedade de auxílio mútuo, e as melhores armas para a luta coletiva, a solidariedade e a greve (que por sua vez implicava em organização e disciplina). * Entretanto, mesmo onde estas instituições e armas não eram tão débeis, instáveis e localizadas, como no caso do continente europeu, seu alcance era estritamente limitado. A tentativa de usar um modelo puramente unionista ou mutualista não somente para receber maiores salários para grupos organizados de trabalhadores, mas também para derrotar toda a sociedade existente e estabelecer uma nova sociedade, foi feita na Grã-Bretanha entre 1829 e 1834, e depois outra vez durante o cartismo. A tentativa fracassou e este fracasso destroçou um movimento socialista e proletário precoce mas impressionantemente maduro durante 50 anos. A tentativa para transformar as sociedades operárias em sindicatos nacionais de produtores cooperativos (como no Sindicato dos Construtores Práticos com seu "parlamento de construtores" e seu "grêmio de construtores" - 1831-4) fracassou igualmente, assim como também fracassou a tentativa para criar uma cooperativa nacional de produção e "intercâmbios de mão-de-obra eqüitativa". Os grandes "sindicatos gerais", que reuniam todos os trabalhadores, longe de provarem ser mais fortes do que as sociedades regionais e locais, demonstraram que, de fato, eram débeis e de controle difícil, embora isto se devesse menos às dificuldades inerentes a um sindicato geral do que à falta de disciplina, organização e experiência de suas lideranças. A greve geral demonstrou ser inaplicável durante o cartismo, exceto em 1842, na ocasião de uma revolta espontânea causada pela fome.

De modo inverso, os métodos de agitação política próprios ao jacobinismo e ao radicalismo em geral, mas não especificamente à classe trabalhadora, demonstraram tanto sua eficácia quanto sua flexibilidade: campanhas políticas através de jornais e panfletos, reuniões e manifestações públicas e, onde necessário, motins e insurreições. É verdade que nos locais onde estas campanhas tinham objetivos muito ambiciosos, ou onde assustavam em demasia as classes governantes, elas também fracassaram. Na histórica década de 1810, a tendência era recorrer às forças armadas contra qualquer demonstração séria (como em Spa Fields, Londres, em 1816, ou em "Peterloo", Manchester, em 1819, quando 10 revoltosos foram mortos e várias centenas feridos). Em 1838-48, os milhões de assinaturas que subscriviam petições não

* A greve é uma consequência tão espontânea e lógica da existência da classe trabalhadora, que a maioria das línguas européias possuem palavras nativas bastante independentes para ela (p. ex. grève, strike, huelga, sciopero, zabastovka), enquanto que as palavras usadas para as instituições são frequentemente emprestadas.

se aproximaram muito mais da Carta do Povo. Contudo, a campanha política em uma frente mais limitada era efetiva. Sem ela, não teria havido uma Emancipação Católica em 1829, um Decreto Reformista em 1832, e certamente não teria havido um controle legislativo modesto mas eficiente das condições fabris e das horas de trabalho. Assim, repetidas vezes, encontramos uma classe trabalhadora debilmente organizada que compensava sua fraqueza com os métodos de agitação do radicalismo político. A "agitação das fábricas" da década de 1830, no norte da Inglaterra, compensou a fraqueza dos sindicatos locais, na mesma medida que a campanha de protesto em massa contra o exílio dos "mártires de Tolpuddle" (cf., capítulo 6-III) tentou salvar alguma coisa da destruição dos "sindicatos gerais" que entraram em colapso depois de 1834.

Por sua vez, a tradição jacobina ganhou solidez e continuidade sem precedentes e penetração nas massas a partir da coesiva solidariedade e da lealdade que eram características do novo proletariado. Os proletários não se mantinham unidos pelo simples fato de serem pobres e estarem num mesmo lugar, mas pelo fato de que trabalhar junto e em grande número, colaborando uns com os outros numa mesma tarefa e apoiando-se mutuamente constituía sua própria vida. A solidariedade inquebrantável era sua única arma, pois somente assim eles poderiam demonstrar seu modesto mas decisivo ser coletivo. "Não ser furador de greve" (ou palavras de efeito semelhante) era - e continuou sendo - o primeiro mandamento de seu código moral; aquele que deixasse de ser solidário tornava-se o Judas de sua comunidade. Uma vez que adquiriram uma fagulha mínima de consciência política, suas demonstrações deixaram de ser meras eupêrias ocasionais de uma "turba" exasperada, que se extinguia rapidamente, e se converteram no rebulir de um exército. Assim, em uma cidade como Sheffield, uma vez que a luta entre a classe média e a trabalhadora se tornou o principal assunto da política local (no princípio da década de 1840), imediatamente surgiu uma forte e estável coligação proletária. Já no final de 1847, havia oito cartistas no conselho municipal, e o colapso nacional do cartismo em 1848 pouco o afetou em uma cidade onde cerca de 10 ou 12 mil habitantes saudaram a Revolução de Paris daquele ano: já em 1849 os cartistas tinham quase a metade das cadeiras do conselho municipal.²⁴

Abaixo da classe trabalhadora e da tradição jacobina havia um substrato de tradição ainda mais antiga que reforçava a ambos: a do motim ou protesto público ocasional de homens desesperados. A ação direta dos amotinados, a destruição de máquinas, lojas ou de casas de gente rica tinham uma longa história. Em geral, essa história expressava a fome ou os sentimentos de homens esgotados, como nas ondas de destruição de máquinas que periodicamente envolviam as indústrias manuais em declínio ameaçadas pelas máquinas (como no caso das indústrias têxteis britânicas em 1810-11 e novamente em 1826, e no caso das indústrias têxteis do continente europeu na metade da década de

1830 e também na metade da década de 1840). Por vezes, como na Inglaterra, era uma forma reconhecida de pressão coletiva de trabalhadores organizados, e não implicava qualquer hostilidade às máquinas, como entre os mineiros, certos tipos de operários têxteis qualificados ou de cuteleiros, que conciliavam uma moderação política com um terrorismo sistemático contra seus colegas não sindicalizados. Outras vezes expressava o descontentamento dos trabalhadores desempregados ou esgotados fisicamente. Em uma época de revolução em estado de amadurecimento, esta ação direta criada por homens e mulheres politicamente imaturos podia-se transformar em uma força decisiva, especialmente se ela ocorresse nas grandes cidades ou em locais politicamente sensíveis. Tanto em 1830 quanto em 1848, tais movimentos pesaram de maneira extraordinária nos sucessos políticos ao converterem-se de expressões de descontentamento em franca insurreição.

IV

O movimento trabalhista deste período, portanto, não foi estritamente um "movimento proletário" nem em sua composição nem em sua ideologia e programa, i.e., não foi apenas um movimento de trabalhadores fabris e industriais ou, nem mesmo, limitado a trabalhadores assalariados. Foi antes uma frente comum de todas as forças e tendências que representavam o trabalhador pobre, principalmente urbano. Esta frente comum existia há muito tempo, mas até mesmo desde a Revolução Francesa sua liderança e inspiração vinha da classe média liberal e radical. Como já vimos, o "jacobinismo" e não o "sansculotismo" (e muito menos as aspirações dos proletários imaturos) foi o que deu unidade à tradição popular parisiense. A novidade da situação depois de 1815 era o fato de que a frente comum era de maneira crescente e direta contrária à classe média liberal e aos reis e aristocratas, e que o que lhe dava unidade eram o programa e a ideologia do proletariado, ainda que por essa época a classe trabalhadora fabril e industrial mal existisse, e no seu todo fosse politicamente muito menos madura do que outros grupos de trabalhadores pobres. Tanto os pobres quanto os ricos tinham tendência a assimilar politicamente toda a "massa urbana existente abaixo do nível médio da sociedade" ao "proletariado" ou à "classe trabalhadora". Todos os que se sentiam perturbados pelo "crescente sentimento geral e vivo de que há uma desarmonia interna no atual estado de coisas, e que tal situação não pode durar" se inclinavam para o socialismo como a única crítica alternativa intelectualmente válida.

A liderança do novo movimento refletia uma situação semelhante de coisas. Os trabalhadores pobres mais ativos, militantes e politicamente conscientes não eram os novos proletários fabris, mas os artífices qualificados, os artesãos independentes, os empregados domésti-

cos de pouca importância e outros que viviam e trabalhavam substancialmente da mesma forma que antes da revolução industrial, mas sob pressão bem maior. Os primeiros sindicatos eram quase invariavelmente de impressores, chapeleiros, alfaiates etc. O núcleo da liderança do cartismo em uma cidade como Leeds – e este fato é típico – era constituído de um marceneiro que se transformara em tecelão manual, um par de artífices impressores, um vendedor de livros e um cardador de lã. Os homens que adotaram as doutrinas cooperativas de Owen eram em sua maioria estes "artesãos", "mecânicos" e trabalhadores manuais. Os primeiros comunistas alemães da classe trabalhadora foram artesãos ambulantes, alfaiates, marceneiros e impressores. Os homens que se rebelaram contra a burguesia parisiense em 1848 foram os habitantes da velha comunidade artesã Faubourg Saint-Antoine, e não (como na Comuna de 1871) os habitantes proletários de Belleville. Na mesma medida em que o avanço da indústria destruiu estas mesmas fortalezas da consciência de "classe trabalhadora", fatalmente minava a força destes primeiros movimentos trabalhistas. Entre 1820 e 1850, por exemplo, o movimento britânico criou uma densa rede de instituições para a educação social e política da classe trabalhadora, os "institutos dos mecânicos", os "Salões de Ciências" owenistas e outros. Já em 1850, havia (sem contarmos com os puramente políticos) 700 destes tipos de instituições na Grã-Bretanha – 151 deles só no condado de Yorkshire. Mas já haviam entrado em declínio e em poucas décadas a maioria deles estaria morta ou em letargia.

Havia apenas uma exceção. Somente na Grã-Bretanha, os novos proletários já tinham começado a se organizar e, até mesmo, a criar seus próprios líderes: John Doherty, o fiandeiro de algodão owenista de nacionalidade irlandesa, Tommy Hepburn e Martin Jude, ambos mineiros. Não só os artesãos e os deprimidos empregados domésticos formavam os batalhões do cartismo; também os trabalhadores fabris lutavam com eles, e às vezes os lideravam. Mas fora da Grã-Bretanha os operários fabris e os mineiros ainda eram em grande parte mais vítimas que agentes. Só depois da segunda metade do século eles começaram a participar efetivamente da formação de seus destinos.

O movimento trabalhista foi uma organização de autodefesa, de protesto e de revolução. Mas para os trabalhadores pobres era mais do que um instrumento de luta: era também um modo de vida. A burguesia liberal nada lhes oferecia; a história arrancou-os da vida tradicional que os conservadores, em vão, se ofereciam para manter ou restaurar. Nada podiam esperar do tipo de vida para o qual eles eram crescentemente arrastados. Mas o movimento tinha a ver com este tipo de vida, ou melhor, a vida que eles mesmos criaram para si e que era coletiva, comunal, combativa, idealista e isolada implicava o movimento, pois a luta era a sua própria essência. E em troca o movimento lhe dava coerência e propósito. O mito liberal supunha que os sindicatos eram compostos de trabalhadores imprestáveis instigados por agitadores sem consciência, mas na realidade os imprestáveis eram os menos

sindicalizados, enquanto que os mais inteligentes e competentes eram os mais firmes em seu apoio aos sindicatos.

Os exemplos mais claros destes "mundos de trabalho" neste período eram provavelmente as velhas indústrias domésticas. Havia a comunidade dos empregados na indústria da seda de Lyon, os sempre rebeldes *canuts* – que se insurgiram em 1831 e 1834 e que, segundo Michelet, "porque este mundo não os satisfazia, criaram um outro mundo na úmida obscuridade de seus becos, um paraíso distante de doces sonhos e visões".²⁸ Havia comunidades como a dos tecelões de linho da Escócia com seu puritanismo jacobino e republicano, suas heresias baseadas na filosofia do sueco Emanuel Swedenberg, sua biblioteca de artesãos, caixas de poupança, instituto de mecânica, biblioteca e clube científicos, sua academia de desenho, reuniões missionárias, ligas de moderação, escolas infantis, sua sociedade de floricultores e sua revista literária (*Gasometer* de Dunfermline)* e, é claro, o seu cartismo. A consciência de classe, a militância, o ódio e o desprezo ao opressor pertenciam a esta vida tanto quanto os teares em que trabalhavam. Nada deviam aos ricos exceto seus salários. Tudo o mais que possuíam era sua própria criação coletiva.

Mas este silencioso processo de auto-organização não estava limitado aos trabalhadores desta espécie mais antiga. Este processo também se refletiu no "sindicato", freqüentemente baseado na primitiva comunidade metodista local, nas minas de Northumberland e de Durham. Refletiu-se na densa concentração de sociedades amistosas e mútuas de trabalhadores nas novas áreas industriais, especialmente em Lancashire.** Acima de tudo, ele se refletia nos milhares de homens, mulheres e crianças que, carregando tochas nas mãos, faziam demonstrações em favor do cartismo, vindos das pequenas cidades industriais de Lancashire, e na rapidez com que as novas lojas cooperativas se espalhavam no final da década de 1840.

V

E ainda assim, ao observarmos este período, sentimos uma grande e evidente discrepância entre a força dos trabalhadores pobres temidos pelos ricos – o "espectro do comunismo" que os aterrorizava – e sua verdadeira força organizada, para não mencionarmos a do novo proletariado industrial. A expressão pública de seu protesto era, no sentido literal, um "movimento" mais do que uma organização. O que unia

* Cf. T. L. Peacock, *A Abadia do Pesadelo* (1818): "Tu és um filósofo", disse a senhora, "e um amante da liberdade. És o autor de um tratado chamado 'O Gás Filosófico, ou um Projeto para a Iluminação Geral da Mente Humana'."

** Em 1821, Lancashire tinha a maior proporção de membros das sociedades amistosas em relação à população total do país (17%); em 1845 quase a metade das lojas da ordem beneficente dos *Oddfellows* se localizavam em Lancashire e Yorkshire.

inclusive suas manifestações políticas mais sólidas e amplas – o cartismo – era pouco mais do que um punhado de slogans radicais e reuniões locais, alguns oradores e jornalistas poderosos que se tornaram porta-vozes dos pobres, como Feargus O'Conner (1794-1855), alguns jornais como o *Northern Star*. Era o destino comum de combater os ricos e os poderosos que levava os velhos militantes a se recordarem:

"Tínhamos um cachorro chamado Rodney. Minha avó não gostava desse nome porque ela tinha a curiosa noção de que o Almirante Rodney, tendo sido elevado à condição de nobre, fora hostil para com o povo. A velha também procurava explicar-me que Cobbett e Cobden eram duas pessoas diferentes – que Cobbett era o herói, e que Cobden era um simples advogado da classe média. Um dos quadros de que mais me recordo – ficava ao lado de desenhos estampados e junto de uma estatueta em porcelana de George Washington – era um retrato de John Frost.* Uma linha no alto do quadro indicava que ele pertencia a uma série chamada de Galeria de Personagens dos Amigos do Povo. Acima da cabeça havia uma grinalda de lauréla enquanto que embaixo havia uma representação do Sr. Frost implorando à Justiça em prol dos es-farrapados proscritos. ... O mais assíduo de nossos visitantes era um sapateiro aleijado ... (que) aparecia todas as manhãs de domingo com um exemplar do *Northern Star*, ainda úmido das prensas rotativas, com o intuito de ouvir algum membro de nossa família ler para ele em voz alta 'a carta de Feargus'. Primeiro, tínhamos que secar o jornal junto ao fogo cuidadosamente para que nenhuma linha daquela sagrada produção fosse danificada. Feito isto, Larry sentava-se para ouvir com todo o reconhecimento de um devoto em um tabernáculo a mensagem do grande Feargus, enquanto fumava placidamente um cachimbo que ocasionalmente ele aproximava do fogo."³⁰

Havia pouca liderança ou coordenação. A tentativa mais ambiciosa de transformar o movimento em uma organização, o "sindicato geral" de 1834-5, fracassou rápida e miseravelmente. No máximo, tanto na Grã-Bretanha quanto no continente europeu, havia uma solidariedade espontânea da comunidade trabalhadora local, homens que, como os empregados na indústria de seda de Lyon, morriam tão miseravelmente como tinham vivido. O que mantinha este movimento unido era a fome, a miséria, o ódio e a esperança, e o que o derrotou, na Grã-Bretanha cartista e no revolucionário continente europeu de 1848, foi que os pobres – famintos, bastante numerosos e suficientemente desesperados para se insurgirem – careciam da organização e maturidade capazes de fazer de sua rebelião mais do que um perigo momentâneo para a ordem social. Já em 1848 o movimento dos trabalhadores pobres ainda teria que desenvolver o seu equivalente ao jacobinismo da classe média revolucionária de 1789-94.

* Líder da fracassada insurreição cartista de Newport, em 1839.